O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 41.º — N.º 2078

Sábado, 15 de Janeiro de 1949

VISADO PELA CENSURA

A NOSSA POSIÇÃO

Coerentes com o que este jornal publicou nas suas colunas anteriormente à Revolução de 28 de Maio de 1926 e atentos observadores do que a União Nacional há executado sob a chefia de Carmona e Salazar; nesta hora em que se pretende desenterrar de um passado ignominioso figuras a ele ligadas e com tais elementos se pretende também alterar a ordem em que temos vivido, "O Democrata„ marca o seu logar de presença na barricada da frente contra todos que conspurcaram a República, a vilipendiaram, a desacreditaram, a comprometeram, a envergonharam, a enxovalharam e só não a liquidaram devido à intervenção, ainda a tempo, do Exército, que lhe acudiu. Nestes termos, não só pelos motivos expostos, mas também pelos benefícios importantes e valiosíssimos que Aveiro tem recebido dos governos da situação, o nosso dever será cumprido sem hesitações, mesmo porque foi essa, até hoje, a norma seguida em todas as lutas onde aparecemos envolvidos.

NÓS VOTAMOS NO SENHOR MARECHAL CARMONA!

A União Nacional, símbolo de uma política de unidade, de patriotismo, de sacrifício e de defesa dos princípios tradicionais que caracterizam a evolução da nacionalidade portuguesa no Mundo, apresenta a candidatura do Sr. Marechal Oscar Carmona à suprema magistratura da nação.

É o próprio povo português que, assim, liberto do espírito partidário, firme no seu propósito de continuar a obra da Revolução Nacional e consciente das responsabilidades do momento, reafirma a sua identidade de pensamento com os princípios orientadores da política do 28 de Maio, de que o Sr. Marechal Carmona foi arauto e tem sido, nos últimos 22 anos, estrénuo defensor.

A notícia da candidatura foi, por isso, recebida pelos portugueses de todo o Mundo com irreprimivel júbilo—com aquela satisfação que as boas acções trazem às consciências bem formadas e que esta notícia despertou na consciência nacional.

Quando se alcança a idade e a glória do Sr. Marechal Carmona; quando se conquista a simpatia de um povo e o beneplácito da História, como ele conquistou; quando se arranca um país da desordem e da decadência para o reintegrar na sua personalidade e no seu justo renome internacional—obra toda ela iniciada, acompanhada, orientada pelo Sr. Marechal Carmona, uma escusa a trabalhos não pareceria estranha, porque bem merece colhê-los quem tantos títulos de glória representa. Mas o Sr. Marechal Carmona, aceitando um novo mandato presidencial, mostra mais uma vez a sua lídima qualidade de português e a sua noção do Dever, símbolos do Homem e do Militar que toda a nação venera.

Como afirmou Salazar, a propósito da reeleição de 1942 «a alma militar e a razão política deram-se as mãos». E também, como então, pode perguntar-se: «Se o Chefe do Estado, que pudera alegar legitimamente serviços de muitos anos, e a idade, e o cansaço, corre com a nação os riscos de novas preocupações e trabalhos que o futuro possa reservar-nos, como vamos corresponder a essa altíssima noção do sacrifício e do dever patriótico?»

A nação responderá: Votamos no Sr. Marechal Carmona. E não temos, para isso, senão que meditar no passado e auscultar o futuro, isto é, vincar a certeza de uma obra cuja continuidade se impõe e afastar tudo quanto represente quebra da ordem política, social e económica em que temos vivido.

Essa meditação dará aos portugueses, além de uma certeza que as urnas vão traduzir como apoteose nacional, um júbilo legítimo por continuarem a ver à frente dos destinos da Pátria o Sr. Marechal Carmona, que, nesta época de renovação, «a tudo presidiu, por tudo se interessou, tudo tornou possível pelo simples facto de representar um princípio de renovação e de unidade, de se manter fiel a uma doutrina, de ser garantia da sua aplicação».

Quando esse júbilo nacional se manifestar, no Continente como nas Ilhas, nas Ilhas como no Ultramar, renovando o mandato presidencial do Sr. Marechal Carmona, a essencia da própria nação, no que nela há de profundo no tempo e no espaço, dará motivo a que mais uma data festiva se inscreva no calendário nacional.

Por tudo isso a nossa decisão está dada: nós votamos no Sr. Marechal Carmona!

Fim duma subscrição

Termina neste número a que abrimos a favor de uma infeliz que, precisando ser injectada com estreptomicina e não tendo meios para a obter, ao *Democrata* recorreu no sentido de conseguir a salvação para o seu mal. Estamos, por isso, muito gratos a todos os leitores que, quer directamente, quer por nosso intermédio, acudiram ao apêlo que lhes dirigimos e recebeu a quantia de 655$00, cuja entrega fizemos por tres vezes, tendo a última parcela sido acompanhada ainda de 2 empolas do referido medicamento, enviado por categorizada pessoa à nossa Redacção e que não quiz que lhe divulgassemos o nome.

A todos, pois, muito e muito obrigados pela doente.

A PRIMEIRA ARRANCADA

Cá os temos. Ei-los que chegaram. **Um grupo de Democratas de Aveiro** botou manifesto. Mas como dentre os partidarios da *liberdade* que agora exigem e noutros tempos lhes sobejava para impedir que protestassemos contra

ANO 10. — Sexta-feira, 18 de Maio de 1917 — (AVENÇA)

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR Arnaldo Ribeiro

França Borges — Protesto — PUGILATO — Surpresa — PELA IMPRENSA — VALE DO VOUGA

«O DEMOCRATA» COM BEXIGAS NEGRAIS, SEGUNDO A FRASE DO ÓRGÃO EVOLUCIONISTA DA ÉPOCA «DISTRITO DE AVEIRO»

os escandalos que praticavam, foram-se ao jornal que o sr. Norton de Matos escolheu para seu *orgão de propaganda eleitoral*, intitulado *República*, que se publica em Lisboa, e dele transcreveram uma coisa intitulada—*Não pode ser!...*—como se alguma autoridade lhes assistisse para se insurgirem contra a Censura prévia porventura os mesmos que em 1917, com um governo presidido pelo Dr. Afonso Costa, chefe, como se sabe, do partido Democrático, nos sugeitavam a apresentar o jornal assim mascarado pelos cortes que lhe faziam para encobrir o que por cá ia...

Mas há mais: toda a gente que lê se deve lembrar de um livro intitulado

Ao sr. Ministro do Interior

O Democrata leva ao conhecimento deste membro do Govêrno Nacional, que, tendo acompanhado desde a primeira hora a actual situação política do país, como todos os seus leitores sabem, sistemàticamente lhe está sendo desviada a publicidade da Câmara Municipal de Aveiro das suas colunas e inclusivamente não lhe foi enviado até à data, pelo respectivo secretário, o edital sobre o Recenseamento Eleitoral que a Lei determina seja publicado **em dois jornais do concelho.**

A' vista do exposto e por que *O Democrata* nunca abdicou, nem abdicará, relatando o que julga ser das suas atribuições como orgão da opinião pública, vem respeitosamente, sr. Ministro, inteirá-lo do que se passa nesta cidade pois é seu desejo definir perante aqueles que o consideram defensor desassombrado da União Nacional o único intuito que o norteia, não vá supor-se que é o mesmo do de tantos que a servem para se servirem.

Sr. Ministro do Interior: *O Democrata* espera de V. Ex.ª a justiça que lhe assiste na reclamação apresentada ao seu elevado critério quanto ao edital que a Lei ordena seja publicado **em dois jornais do concelho**, e, confiante, não acredita no despreso das instancias superiores pela Imprensa, por êste jornal, que tão desinteressadamente tudo tem dado aos patriotas do 28 de Maio sem nada lhes pedir em troca da dedicação com que os acompanha.

Será atendido?

O VANDALISMO EM ACÇÃO

Na segunda página dêste jornal publicamos hoje um artigo para o qual chamamos a atenção de todos os nossos leitores—de todos. Subscreve-o um nome conhecido—Sousa Costa—e veio há pouco no *Primeiro de Janeiro*, donde o transcrevemos, enviado por uma gentil menina a quem a leitura do *Democrata* há muitos anos prende a atenção, solidarizando-se com os seus escritos.

Castiga o sr. Sousa Costa rijamente o corte das árvores do Passeio Alegre, de Espinho, e como se anda procedendo ao mesmo serviço cá em Aveiro, para *aformoseamento* da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, o referido artigo vem mesmo a propósito por se ajustar sob todos os pontos de vista ao que aqui se tem escrito sobre o assunto. Mas não se quer ver isso e persiste-se na obra de destruição, lançando-se inclusivamente mão da mentira quando se fala das raizes das inocentes condenadas estragarem canalizações, levantarem lancis, etc, etc. E então aquela dos pêlos dos aquénios dos platanos se desprenderem na Primavera e produzirem afecções da vista, das vias respiratórias e até ataques de asma, vale um poema.

O que os algozes haviam de ir buscar!

E que pena nós temos da falta de espaço não nos permitir a reprodução de tudo quanto ouvimos por aí ao luar e sem ser ao luar, com e sem trinados na garganta!...

Recomendamos, pois, a leitura da segunda página.

OS PARTIDOS POLÍTICOS

Do jornal *República*, de 31 de Março de 1919.

«A lição dos factos convenceu toda a gente de que realmente os partidos políticos faliram e de que é necessário, em absoluto, que se dissolvam, permitindo que se dê à política nacional uma orientação capaz de assegurar ao País e à República uma vida de progresso, de trabalho e de ordem».

Aqui a temos. Que quererá mais a *República*?

Viva o Exército!

Calígula em Angola, da autoria do sr. eng. Cunha Leal, que a páginas 133 e 134 diz o seguinte:

«Quando o sr. Alto Comissário Norton de Matos chegou a Angola, só em Luanda havia os seguintes jornais: *A Verdade, O Angolense, O Imparcial, O Independente, O Jornal do Comércio.* Os dois primeiros eram orgãos nativistas. Aproveitando, como pretexto, a fantastica revolta do Cateto (cuja povoação mandou «raziar») o sr. Norton de Matos suprimiu-os pura e simplesmente. Os jornais *O Imparcial* e *O Independente* foram, pouco depois, obrigados a cessar a sua publicação. E *O Jornal do Comércio* foi transformado em orgão oficioso do govêrno, dando mais tarde lugar ao *Correio de Angola*, que, por sua vez, foi substituido pela *Provincia de Angola.*

E no distrito de Huila o que se fez? O Director e dois redactores do jornal que lá existia foram deportados para vários pontos da província. O director de *O Mossâmedes*, porque ousou publicar uma série de artigos criticando o péssimo serviço do Caminho de Ferro de Mossâmedes, foi chamado a capítulo e avisado de que seria expulso da província se continuasse a tratar do assunto».

São assim, como deixamos expresso na reprodução de um dos números do nosso jornal censurado por eles, os *democratas de Aveiro*, visto sairem ao seu *imaculado candidato*...

Não lhes queremos mal. E como, felizmente, nos achamos ainda cá depois de escaparmos a todas as suas iras, só desejávamos que nos respondessem—como se entende que agora se queixem de não terem *liberdades* e em 1917 as cerceavam, não nos consentindo escrever sôbre quanto aí se fazia indigno da República?

No Parlamento

—o—

Em volta da censura ao «Democrata»

Foi na sessão de terça-feira (5 de Junho de 1917) uma das mais agitadas do período legislativo dessa época.

O deputado *dr. Marques da Costa* pergunta ao sr. Ministro do Interior (dr. Almeida Ribeiro, do Governo presidido por Afonso Costa e de que fez parte, como ministro da Guerra o sr. Norton de Matos) se já recebeu algumas informações referentes ao modo como se exerce a censura em Aveiro. Há 15 dias que tratou do caso, e, até agora, nada!

O *sr. Ministro do Interior* responde não possuir ainda informações precisas que o habilitem a proceder. Declara, contudo, que a lei tem de ser cumprida e que ela não deixa que por certa forma se apreciem os actos das autoridades, tanto militares como civis. Que o corte feito pela censura de Aveiro em certo artigo lido na Câmara pelo orador precedente foi julgado incurso nas disposições legais por conter matéria que só tinha em vista amesquinhar a autoridade superior do distrito.

(Há violentos protestos de todos os lados da Câmara contra semelhante afirmação).

—A lei não se fez para isso!

—E' um abuso!

—Não pode ser! Revogue-se.

—A censura foi feita para os casos da guerra.

O *sr. Marques da Costa*—A censura não foi instituida para cobrir os actos de qualquer autoridade. O artigo que eu li nunca devia ser cortado.

O *sr. Brito Camacho*—Nem o rei gosava de tais imunidades...

O *sr. Pestana Júnior*—E' preciso não esquecer que a censura surgiu por motivo da guerra.

O *sr. Marques da Costa*—Leia o sr. Ministro o artigo.

O *sr. Ministro do Interior*—Leio a lei.

O *sr. Pestana Júnior*—Interpretada por V. Ex.ª.

(Outros apartes se trocam, estando agora o Ministro rodeado por muitos deputados).

O *sr. Marques da Costa*—O que se pretende é faltar ao respeito pelas instituições parlamentares.

O *sr. Eduardo de Sousa*—A censura também se aplica ao que se passa nas sociedades de socorros mútuos?

O *sr. Marques da Costa*—V. Ex.ª devia ter mandado proceder a um inquérito.

O *sr. Ministro do Interior*—Já mandei.

O *sr. Pestana Júnior*—Isto já está uma República muito azul e branca...

Uma voz—Sim; mas azul e branco desbutado...

O *sr. Moura Pinto*—O sr. Ministro do Interior, como antigo conselheiro, devia conhecer essa técnica e a devida pragmática.

(Daqui em diante ninguém se entende. As declarações do sr. Ministro do Interior provocam os mais enérgicos protestos de todos os lados da Câmara. Protestos e gargalhadas, porque não faltam deputados que entendam que o assunto já não vai senão a rir.)

O *sr. Jorge Nunes*—Foi V. Ex.ª, sr. Ministro do Interior, que orde-

nou à censura que cortasse a palavra *comendador* antes do nome do sr. Afonso Costa?

O *sr. Ministro do Interior* — E' claro, porque s. ex.ª não é comendador.

O *sr. Jorge Nunes*—Essa agora!.. Então também não podemos tratar o sr. Norton de Matos por *sir* nem por *baronete*!...

O *sr. Ministro do Interior*—Lê alguns artigos da lei de censura, respondendo a várias interrupções de todos os lados da Câmara.

O *sr. Marques da Costa*, continua a protestar contra o modo como se faz a censura, dizendo outra vez que ela não foi creada para fins políticos, mas apenas para assuntos militares.

O *sr. Jorge Nunes*—Isso é malhar em ferro frio.

Restabelecido o sossêgo, os trabalhos continuaram, mas dentro em pouco as coisas mudaram de figura: o *Democrata* poude assistir ao triunfo da sua campanha contra certas imoralidades da política democrática local.

Da vida que passa

Deixou de existir, na capital, com 72 anos, a sr.ª D. Maria Tereza Chagas, viúva do ardoroso panfletário João Chagas, que foi uma das principais figuras do 31 de Janeiro e mais tarde, após o advento da República, ascendeu aos mais altos postos.

Foi sepultada em campa raza, no cemitério do Alto de S. João, perto daquela que encerra os despojos de seu marido.

Franquias postais

Há grande falha de estampilhas de diferentes taxas, na Estação dos C. T. T. desta cidade o que causa transtorno principalmente ao comércio.

Nesse número figuram as de $15, $20, $30 e $35, que não se sabe o sumiço que levaram.

Isto numa cidade capital de distrito.

Benemerência

Para os pobres protegidos por este jornal recebemos, com a importância da sua assinatura, 20$00, do nosso amigo sr. tenente-coronel Manuel Martins dos Reis, residente em Lisboa e uma dollar (24$00) enviada da América pelo sr. Modesto Faneca (filho) por intermédio do sr. António Pinho das Neves, que há dias aqui chegou.

A ambos os nossos agradecimentos.

* * *

Dos 150$00 que nos enviou a sr.ª D. Maria Júlia de Sousa Lopes, tirámos 40$00 para a subscrição destinada à estreptómicina para a doente da Rua das Tomásias e o restante (110$00) distribuimos 10$00 pelos guintes necessitados:

António Ferreira, R. da Corredoura; Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho; Maria das Dores, R. 16 de Maio; Margarida de Matos, R. da Sé; Maria Rosa Sá Oliveira, R. da Fonte Nova; Maria Augusta de Sousa, R. de Santo António; Conceição Tainha, R. da Granja; Maria Clara Reca, Estrada da Barra; Elisa da Costa e Silva, R. Eça de Queiroz e duas envergonhadas.

Em nome de todos, os nossos agradecimentos à sr.ª D. Maria Júlia Lopes.

* * *

Depois de já pronta a primeira página veio à nossa Redacção um grupo de meninas do Liceu que nos deixou 15$00 para a subscrição que, como ali dizemos, hoje fica encerrada portanto com 670$00.

Agradecemos mais esta ajuda.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal.—Aveiro

Livros

O Filho de Deus

Recebemos do já consagrado poeta ilhavense, dr. Vaz Craveiro, um novo poema com o título da epígrafe que a Casa do Castelo-Editora, de Coimbra, pôz à venda e está sendo devidamente apreciado pela crítica.

Agradecendo a oferta, logo que o espaço no-lo permita diremos do seu valor.

DR. QUERUBIM GUIMARÃES

Recolheu à cama, bastante doente, o director do orgão local da diocese e membro da Assembleia Nacional, além de advogado nesta comarca.

Desejamos o seu restabelecimento.

IMPRENSA

Jornal de Sintra

Transitou para o 16.º ano de existência este nosso colega, que António Medina Júnior dirige com rara independência e superioridade, que muito o eleva no conceito que dele faziamos antes de o conhecermos pessoalmente.

Vem de longe a permuta mantida entre o *Jornal de Sintra* e o *Democrata* e atravez a leitura do primeiro verificamos que alguns pontos de contacto nos aproximavam, igualando-nos, quase, visto comungarmos nas mesmos ideias que nos unem ao regionalismo servido como deve ser. Congratulamo-nos, por isso, com o aniversário do distinto confrade, ao qual desejamos que a vida, tonificada com os ares puros da serra, se lhe prolongue de maneira a mantê-lo na aprumada.

Notícias de Famalicão

Acaba de interomper a sua publicação este semanário regionalista, dirigido pelo sr. Dias Costa.

Oxalá não seja por muito tempo e o voltamos a ver em breve entre os colegas que nos visitam.

Aos anunciantes de "O Democrata"

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

S. Gonçalinho

Realizou-se a tradicional festa das cavacas, no bairro piscatório, apresentando-se o muro onde assenta a capela com outro aspecto, por ter sido arranjado.

Tomaram parte as três anunciadas bandas de música e queimou-se bastante fogo.

O TEMPO

Temos atravessado formosos dias de sol mais ou menos parecidos com os da Primavera.

Só o frio é que os diferença por ainda estarmos em Janeiro.

Cine-Teatro Avenida

A sua inauguração está para breve, possivelmente para o dia 29 do corrente, estando a ultimar-se os indispensáveis retoques nesse sentido.

Vai ser, pois, um acontecimento na cidade, visto tratar-se mais uma manifestação do seu progresso.

Feira de Março

Já se anda a levantar no Rossio o abarracamento para o mercado anual.

Vamos a ver como sairá o frontespício.

Banco Regional de Aveiro

—o—

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Ordinária dos Accionistas do Banco Regional de Aveiro a reunir no dia 5 de Fevereiro do corrente ano, pelas 15 horas, na sua sede, no Largo de Luís Cipriano, n.º 7, desta cidade de Aveiro, para:

a)—Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas da Direcção referentes ao exercício de 1948 e o respectivo parecer do Conselho Fiscal;

b)—Tratar de qualquer outro assunto de interesse social;

c)—Proceder à eleição dos Corpos Gerentes e da Mesa da Assembleia Geral para o triénio de 1949/1951.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1949.

O Presidente da Mesa da A. Geral,

a) DR. JOSÉ VIEIRA GAMELAS

A MATANÇA GRANDE DE ESPINHO

Engano. Desta vez, não senhor, não levanto púlpito nesta frontaria. Não vale a pena. Embora ficasse dos mais altos da Lusitânia, a ver-se e a ouvir-se do Minho ao Algarve, de Aquém a Além-mar, pregando mesmo de tal púlpito, seria pregar no deserto—desde que o sermão tivesse, como tem, a Árvore por tema apologético, padroeira e benfeitora da Humanidade.

Prega no deserto quem prega a ouvidos moucos—ouvidos obturados sob as estratificações rudimentares do cerume acumulado nos recessos do sub-consciente, pelo sangue mouro que nos corre nas veias.

O mouro, filho das plagas areanosas, sem trancas nem guarda-barreiras, abomina tudo quanto ameace cortar-lhe o passo ou a vista—sempre ao desafio, em portentosas cavalhadas, com as vagas do Simum.

Desta sorte, tendo a árvore por estôrvo, declara-lhe guerra de extermínio—acusando-a de todas as ruindades e malefícios.

Ora o mouro andou por cá, pelas terras de Cristo, um rôr de séculos. No transcurso desses séculos, com os glóbulos vermelhos do seu sangue, transfundiu nas nossas veias inúmeras das suas insígnias de raça—entre elas o ódio à árvore, à semelhança de todos os ódios, cego a todas as virtudes do ser abominado, surdo a todas as pregações a seu favor.

Não há dúvida. Eu nunca esqueço o muito que lhe devo. Que foi ela que me deu o berço. E o arco do meu primeiro recreio. E a mesa da minha primeira refeição. E até a «Santa Luzia» de cinco olhos das minhas primeiras luzes. E até os quatro palmos de madeira que conduziram minha santa Avó, tão linda, ao seu leito e ao seu sono derradeiro.

Mas, se não esqueço o que lhe devo, não posso esquecer também a inutilidade de pregar em seu favor honras e considerações impenitentemente negados pelos beneficiários das suas liberdades—entre os quais se conta Espinho, agregado urbano, que, aqui mesmo, neste lugar, tantas vezes tenho trazido nas palminhas.

São horas de pôr a claro o motivo destas mal notadas regras. Comecemos pelo princípio:—fui a Espinho, por isto, por aquilo, no primeiro domingo deste mês. Antes lá não tivesse ido. Arrependi-me do passeio frequente, em regra tão grato aos meus sentimentos. Arrependido, vexado, regressei a casa com o coração nos apertos do desalemo e dor.

Não. Já o deixei perceber na abertura do discurso. Não foi o mar que me deixou o coração de luto pesado—o mar ferocíssimo, lançando ao assalto as suas alcateias de lobos, assaltando o povoado, abocanhando-o, mordendo-o, dilacerando-o, uivando de fúria, devorando-o às postas. (Perdoai-me esta ala rompante de gerúndios, meus amigos, meus dez leitores, fiéis! Recrutada, ao que me parece, nas paradas «gerundias» do inclito Vieira, no sermão, lido agora, «Contra as armas holandesas»). Não me senti desalentado e dolorido por obra da luta titânica das ondas na escalada da praia—luta hoje debelada pelos «titãs da Hidráulica», que lhes quebram os comilhos de encontro a toneladas de cimento. Regressei a casa com o coração a sangrar, por obra macabra da fúria dos homens contra a existência das árvores—fúria que desdenha de todos os «titãs» e todos os cimentos.

E' verdade. Fui a Espinho. E ao entrar no «Passeio Alegre» cuidei-me transportado por artes diabólicas ao matadouro municipal do Porto nos dias confrangedores das matanças grandes.

Todo o longo arruamento bordejado de cadáveres—os restos mortais dos belos, dos sadios, dos prestimosos plátanos, que no curso de décadas lhe deram beleza e sombra—e a única alegria do bisonho passeio! Todos estendidos no chão, como réus de crime de lesa-pátria, ali sumáriamente executados pelo carrasco!

Já o disse. Torno a dizê-lo—não prego sermão de lágrimas nas exéquias dos mártires da fatalidade. Para quê? Seria uma vez mais pregar no deserto. Seria querer desviar do seu leito, ao sopro da palavra, um rio caudaloso—neste caso o rio da intolerância mourisca que nos estua no sangue, vindo do fundo dos séculos. Limito-me a assinalar a execução sumária e a afirmar, em sufrágio das vítimas do machado executivo, a dor que a matança grande de Espinho me trouxe ao coração.

Por muitas que pareçam, são sempre poucas as árvores aboletadas em povoados da beira mar—sentinelas alerta contra as vagas de assalto das marés vivas e contra as suas baforadas salitrosas. Depois em agregados urbanos da feição e costumes das nossas, tão pobrezinhos em relevos arquitetónicos e artes decorativas, elas são meros colégios de irmãs da caridade—pondo os pensos da sua graça nas frontarias picadas das bexigas ou corroídas de lepras, tornando o feio, bonito; o banal, tolerável, alegre, o soturno.

Vejamos, como exemplo, a Praça dos Restauradores, de Lisboa. Vejamo-la antes e depois do corte das árvores que a adornavam—corte executado, não pelo Município humano de hoje, que as venera e protege, mas por bárbaro Município de antanho. A «Praça dos Restauradores», aglomerado de prédios e fachadas ao abrigo dos pensos e graças das irmãs de caridade, mantinha o ar de logradouro citadino de primeira classe. Mas tiram-lhe a protecção das misericordiosas. O feio e o banal ficam de cara ao léu. E aquilo transfigura-se de súbito, num quadro de todas as classes de mamarrachos, com ressalva do «Palácio Foz»!

Era o que sucederia amanhã ali à «Avenida da Boavista», se a privassem do seu único, e indiscutível, e formoso arruamento—a brigada de formosíssimos plátanos, que estende os braços sobre as fachadas da conhecida artéria, sustentando-lhe as auras da «Boavista»—sem pecado original do mau gosto.

Eu sei. O «Passeio Alegre» de Espinho terá em breve outras árvores Árvores? Não senhor—alforrecas! Couves galegas! Anainhas do reino florestal—que deixam ver, é certo, por fora e por dentro a casa do compadre, mas que não dão beleza, nem sombra, nem madeira, nem lenha, seja a quem fôr. As acácias rubineas, que fizeram de todas as nossas praças públicas, desde Monção a Santa Maria, públicos mostruários concretos do lugar comum «acaciano»—exalando um pó argênteo que provoca graves doenças de pele. A acácia estendeu de tal modo os seus domínios em terra portuguesa, que tomou de renda a própria «Avenida dos Aliados», aqui no Porto—a mísera e mesquinha a pedir messas, grotescamente, aos blocos senhoriais de quatro e cinco pisos!

E lembrarmo-nos de que cidades como Paris, Londres, Berlim, quase órfãos do Sol, ostentam em ruas e praças frondes que desafiam os mais altos e belos monumentos!

E lembrarmo-nos de que nas nossas estradas, no Verão, sob as labaredas da canícula, se transformam eu rúbidas fornalhas—sendo túneis de verdura e fresquidão as estradas da França, da Inglaterra, da Alemanha!

E' que o arvoredo desfalca as terras marginais das vias de rodagem—clamam os nossos Herodes supranumerários.

Como se o agricultor francês, e inglês, e alemão, não soubessem da poda—e não observassem que a sombra, se lhes subtraí dez aqui, lhes aumenta cem acolá, por força da sua quota de humidade e da baixa na evaporação do solo, do tónico das folhas mortas.

Sim, meus amigos! As árvores, todas as árvores do país deviam estar sob a jurisdição dos «Serviços Florestais»—que as conhecem de perto; que as veneram por seus dons; que as defendem por suas utilidades, incapazes de as destruir por lhe sacudirem as folhas na testada; de as abater por não lhes deixarem ver o que se passa na casa do vizinho...

SOUSA COSTA

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 11, o sr. Manuel Ribeiro da Silva, da Casa Higiénica; em 13, a farmaceutica sr.ª D. Clélia da Conceição Neto Gamelas, esposa do sr. Amilcar Gamelas, funcionário da Câmara Municipal e o sr. Angelo Lima, residente no Porto, e ontem, o sr. Ricardo Pereira Campos Júnior.

Fazem: hoje, o sr. João Evangelista de Campos, guarda-livros da Cerâmica Aveirense; amanhã, a gentil Maria de Lourdes Diniz Farinha, filha do sr. José Ribeiro Farinha, e o sr. Camilo Tomaz Marques da Silva Vieira, filho do sr. Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino; no dia 17, a interessante Maria Eugénia dos Santos Calado Correia, filha do sr. António Monteiro Correia, sub-gerente daquele Banco, e a sr.ª D. Laura Adelina de Morais Sarmento, filha do sr. João de Morais Sarmento, escrivão de Direito na comarca; em 18, o nosso amigo Luís Lopes dos Santos, empregado no Banco Regional, e a menina Idalina Ferreira da Cruz, simpática filha do sr. Manuel Ferreira da Cruz Cavalheiro, de S. Bernardo; em 19, o nosso velho amigo Diniz Gomes, antigo presidente da Comarca de Ílhavo, e em 21, o sr. Armando Pinto, filho do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa e uma irmã, viúva, sr.ª D. Maria Fernandes Cardoso de Castro e Sousa, há pouco regressada do Rio de Janeiro onde residiu 53 anos depois de sair de Aveiro, encontra-se nesta cidade, hóspede do director deste jornal, o sr. Conselheiro Azevedo e Castro, que regressarão a Lisboa na próxima semana.

—Com sua família fixou residência no Porto, para onde foi transferido, a seu pedido, o sr. eng. Manuel Martins Serrão, que durante alguns anos prestou serviço na Direcção de Estradas do Distrito, sendo muito considerado.

—De Leiria, onde exerceu as funções de escrivão de Direito, veio residir para Aveiro, sua terra natal, o nosso amigo Virgílio da Silva, que na segunda-feira nos veio cumprimentar.

Agradecemos-lhe a deferência.

Calendários-brindes

Recebemos um de parede da Manufactura de Borracha — *Mabor* — e dois block-notas do sr. Carlos Souto, agente nesta cidade da acreditada Companhia de Seguros *A Mundial*. Os nossos agradecimentos.

Manutenção Militar

DELEGAÇÃO EM AVEIRO

Torna-se público que, até às 10 horas do dia 20 do corrente mês, na Delegação da Manutenção Militar nesta cidade, Rua Almirante Cândido dos Reis, n.os 75 e 77, se recebem propostas, por escrito, para o fornecimento dos géneros e combustível abaixo designados, destinados ao rancho das praças dos Regimentos de Infantaria n.º 10 e Cavalaria n.º 5, para os próximos meses de Fevereiro, Março e Abril:

Batata, cebola, lenhas, carne de carneiro, carne de vaca, cabeça de pôrco, hortaliça, vinho, vinagre, grão de bico, feijão de todas as qualidades, berbigão, etc.

As propostas serão abertas à hora acima indicada, procedendo-se em seguida à licitação verbal.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1949.

O Chefe da Delegação,
MANUEL MENDES SOARES
capitão

Perdeu-se no domingo, entre Aveiro e Costa Nova, pequena carteira com porta-moedas com dinheiro, chaves e outros objetos. Pede-se a quem a achar o favor de a entregar nesta Redacção.

Relógio de pulso

Perdeu-se, quinta-feira, da Rua Mendes Leite à Rua Coimbra. Gratifica-se quem o entregar nesta Redacção.

Conversa de dois Caçadores

Hein! Andas com sorte!...
— E' verdade.
— Só eu ando farto de dar tiros e não mato nada.
— Comigo dava-se o mesmo, e hoje é precisamente o que vês.
— E como conseguiste êsse sucesso?
— E' fácil meu amigo, só compro cartuchos carregados no **Manuel Velho**
R. Combatentes da Grande Guerra, 64
TELEFONE 241
AVEIRO

Automóvel D K W

Vende-se, ano de 1937, um só dono, bom estado de conservação e mecânica. Dirigir a Almeida Pato, na *Cromagem Pafer*, Estrada Nova do Canal—AVEIRO.

Emprêgo

Precisa, rapaz, de 26 anos com prática de expediente de escritório e máquina e ainda de fazendas e retrozeiro. Nesta Redacção se diz.

Senhora de 30 anos, com aptidões e alguns conhecimentos, deseja colocação em colégio feminino ou em casa particular como dama de companhia. Dirigir a esta Redacção.

Fourgonette

Vende-se *Balilla Fiat*. Dirigir à União Revendedora de Aveiro, L.da Rua de Arnelas, 55—AVEIRO.

Boa mobília

Vende-se de sala de jantar. Dirigir à Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 192—AVEIRO.

Prédio

Vende-se o da Avenida Dr. Lourenço Peixinho n.os 310-312-314. Dirigir a esta Redacção.

Terreno

Vendem-se 2300m2 com frente para o Jardim e Rua Castro Matoso a quem maior lanço oferecer, no dia 23 do corrente, pelas 15 horas e no próprio local.

A base de licitação é de 380.000$00 reservando-se o direito de entrega.

Marinha de sal

Vende-se, de explendida praia, sita na Gafanha, com 42 meios dobrados, por motivo de retirada do seu proprietário. Nesta Redacção se informa.

Estabelecimento

bem situado e com boa clientela trespassa-se ou admite sócio. Motivo à vista. Nesta Redacção se informa.

Casa Vende-se a da Rua do Gravito n.os 69-71. Dirigir a Candido Madail—Esgueira.

Moinho de ferro

Vende-se na Rua de S. Sebastião. Falar com Manuel Fernandes Vieira Baptista, na mesma rua.

Sócio capitalista

Precisa-se. Resposta a esta Redacção às iniciais *F. A.*

Moinho de Vento

Vende-se todo armado em ferro, com bomba de embulo. Dirigir a António da Costa Ferreira—AVEIRO.

Motor de popa

para barco de passeio, marca *Evinrude*, vende-se. Dirigir à Rua de S. Sebastião, 109—AVEIRO.

D. K. W.

Boa mecânica e estado bom. Vende-se. Falar em Ílhavo com o Dr. Vaz Craveiro.

Citroen 11 C. V.

Vende-se em estado novo. *Fábrica Aleluia*—AVEIRO.

Casa

Vende-se a da Rua de Santo António n.º 87. Tem 4 divisões e mostra-a na mesma rua n.º 46, Joaquim Ferreira de Oliveira.

Guarda-livros

competente, dispondo de algum tempo livre, encarrega-se de montar, seguir ou encerrar escritas. Falar na Praça Marquês de Pombal, 13—AVEIRO.

Chauffeur

Oferece-se para carro ligeiro, para casa particular ou comercial. Dirigir a esta Redacção.

Grande estabelecimento

Trespassa-se à Cruz Alta, em S. Bernardo, de mercearia, vinhos e café. Renda muito barata. Informa: Telef. 209

NECROLOGIA

Aos estragos duma grave enfermidade, que a vinha torturando, finou-se com 19 anos, apenas, a menina Maria de Lourdes Fernandes Seixas, filha do sr. António Coelho Seixas, empregado da Delegação dos Abastecimentos.

Deixou muitas saudades, como o demonstrou o seu enterro efectuado para o cemitério sul.

* * *

Em Lisboa, onde vivia na companhia de seu irmão, o nosso presado conterrâneo e amigo, sr. Alvaro da Rosa Lima, deixou de existir, no estado de solteiro, o sr. Angelo da Rosa Lima, que devia ter 63 anos.

O extinto era tio da sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto e dos srs. Jaime, Fausto e Angelo Lima, todos ausentes desta cidade.

* * *

Em Cacia também acabou os seus dias o sr. António Ildefonso Dias Pereira, muito considerado naquela freguesia.

Era viuvo, contava 84 anos e o seu enterro foi bastante concorrido.

A's famílias enlutadas, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Manuel de Almeida, solteiro, de 69 anos; António Marques, também solteiro, de 65, ambos internados no Albergue de Mendicidade, e Rita Pereira Antoninha, natural de Ilhavo, de 68, casada com António dos Santos Calisto; na *Quinta do Gato*, Alexandre dos Santos, casado, de 78; na *Quinta do Picado*, Aníbal Simões Maio, casado, de 58, e em *Aradas*, António dos Santos Rocha, de 65.

Correspondências

Aradas, 10

Realizou-se ontem aqui o Cortejo das Pastoras, que atraiu muita gente dos lugares circunvizinhos e também dessa cidade.

Percorreu o itenerário do costume, abrilhantado por uma tuna, recolhendo depois à capela, onde, em frente, teve lugar a arrematação das ofertas.

Foi um dia em cheio, devido ao sol que inundou a terra, acariciando-a.

—Esteve de cama com um forte ataque de *gripe* o velho José Nunes da Ana, que agora vai a melhorar, embora lentamente.

Apesar dos seus 83 anos as suas conversas ainda cativam e prendem, manifestando sempre o seu apêgo pelos princípios republicanos.

E' dos sinceros, visto ser da velha escola.

P.

Costa do Valado, 12

A's primeiras horas da manhã de ontem finou-se o sr. Abílio Honorato da Cruz Júnior, que há muito vinha sofrendo de reumatismo gotoso que nos últimos tempos o impossibilitou de trabalhar.

Natural de S. Martinho do Bispo (Coimbra) ingressou muito novo nos caminhos de ferro, tendo prestado serviço em várias estações a última das quais na de Quintans, já como factor de 1.ª classe. Isto há aproximadamente desasseis anos, data em que resolveu ingressar no comércio, fundando com o sr. João Peralta Estrela a sociedade que gira sob a firma de *Cruz & Peralta*.

O cadáver foi esta manhã conduzido para a capela de S. Tomé, sendo, de tarde, trasladado para o cemitério da Conchada, de Coimbra, depois de receber as últimas homenagens dos seus numerosos amigos que, em cortejo, acompanharam o féretro até o limite da Costa.

O benquisto comerciante, que era muito considerado, devido aos seus predicados morais e à sua honesta conduta, tinha 59 anos, deixando viúva a sr.ª D. Isabel Pinto da Cruz e um único filho, o nosso presado amigo Abílio Pinto da Cruz, aos quais manifestamos o nosso vivo pesar, extensivo à restante família.

—Regressou do Rio de Janeiro, para onde havia partido há 23 anos, o nosso conterrâneo João dos Santos Eugénio.

—Consorciou-se, domingo, na igreja da Oliveirinha, a menina Apresentação Martins Vieira, filha do falecido José Martins Pereira, com o factor da C. P. em serviço em Quintans, Joaquim Nunes Paulo, do Bonsucesso. Que sejam felizes.

C.

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.